
“Projeto Querino”: comunicando uma História do Brasil com perspectiva afrodiáspórica¹

Ana Carolina Costa dos Anjos²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Betim, MG

RESUMO

O estudo propõe uma análise do podcast “Projeto Querino” como uma expressão da agência criativa negra. Para isso, apresenta o arcabouço teórico-metodológico que inclui o modelo interpretativo do Atlântico Negro e conceitos de diáspora africana e transnacionalismo negro, então, coloca esse produto comunicacional premiado no centro da encruzilhada analítica. Nessa perspectiva, entende que o podcast busca estabelecer um novo regime de representação da população afrodiáspórica no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Querino; Atlântico Negro; Diáspora Africana; Agência Criativa Negra.

INTRODUÇÃO

Um produto comunicacional que não trouxe nenhum furo de reportagem, mas que devido a robusta sistematização e apuração de informações, caráter contra-hegemônico e narrativa Histórica que foca na agência de pessoas negras na construção do Brasil se fez o podcast que ocupou o 1º lugar geral nos *rankings* do gênero no Spotify e na Apple, no Brasil, no ano de seu lançamento (2022). Foi nomeado pelo como um dos 10 melhores trabalhos jornalísticos em áudio (Prêmio Gabo, em 2022) e ganhou o prêmio Vladimir Herzog, na categoria áudio, em 2023. Trata-se do podcast ‘Projeto Querino’, uma produção em áudio, com oito episódios, que traz em seu conteúdo 200 anos de História do Brasil (1822-2022) a partir de uma perspectiva afrocentrada. Este podcast está na encruzilhada analítica desta escrita.

Neste texto, proponho uma reflexão que ‘escuta’ o produto comunicacional a partir do modelo interpretativo do Atlântico Negro (Gilroy, 2017) e discute as condições sociais que influenciam a construção dessa narrativa e o campo de plausibilidade (Weber, 2004) para produção e ‘aceitação’ do ‘Projeto Querino’ como um ‘podcast de sucesso’, em um momento de disputa de gramáticas das relações étnico-raciais e de políticas de ações afirmativas no país. Para tanto, divido o texto em: Introdução, Fundamentação Teórica, Análise e, por fim, Considerações Finais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Visitante no IFMG, campus Betim. Jornalista (UFT, 2012), Especialista em Ensino de Comunicação (UFT, 2017) e em Educação e Trabalho Docente (IF Goiano, 2024), mestre em Ciências do Ambiente (UFT, 2015), doutora em Sociologia (UFSCar, 2021), com pós-doutorado em Educação (UFV, 2024).

TRANSNACIONALISMO, ATLÂNTICO NEGRO E DIÁSPORA AFRICANA COMO ENCRUZILHADA EPISTÊMICA

Busco analisar o “Projeto Querino” a partir de Paul Gilroy (2017) que, no livro ‘Atlântico Negro’, quebra paradigmas moderno-iluministas e propõe um modelo interpretativo que não dissocia cultura e política, estética e ética. Segundo o autor, essas questões não estão separadas no interior do pensamento e da produção teórica e cultural do/no Atlântico Negro.

O sociólogo parte de uma estrutura de pensamento rizomática e aponta um modelo interpretativo³ sobre a teoria social e a produção cultural negra em conjunto, isto é, entende e analisa a coexistência entre *poiésis* e poética. Esse modelo interpretativo tensiona as perspectivas da modernidade iluminista que divide o cultural e o político. Desse modo, para Paul Gilroy (2017), as ações culturais são interferências políticas e o Atlântico Negro é uma unidade de análise complexa e ligada a uma perspectiva transnacional e intercultural da diáspora africana.

O conceito de diáspora africana diz respeito ao processo de dispersão de pessoas de origem africana a partir do tráfico e da escravidão, mas também diz sobre a relação de identidade e pertencimento. Assim, diáspora africana pode ser entendida como deslocamentos geográficos e culturais de africanos(as/es) e seus descendentes. Para Cauê Flor (2020), trata-se de como as populações de descendentes de africanos(as/es), em situação de diáspora, constroem suas identidades e a noções de pertencimento. Existem alguns modelos de diáspora que se distinguem entre si a partir das concepções e elaborações sobre identidade cultural e da relação que tecem com/sobre África e a diáspora (comunidade e sua origem).

Valter Silvério (2018, 2022a), por sua vez, aponta que o termo diáspora, na contemporaneidade, ganha relevância analítica no aspecto transnacional. O sociólogo aponta que o transnacionalismo negro se desenvolve nas zonas de contato, a partir das relações materiais, subjetivas, sentimentais e de memórias que são elaboradas desde o Atlântico Negro (Silvério, 2022a).

³ Neste texto, a ideia de modelo é percebida como um sistema, uma estrutura, uma representação, uma maneira de compreender e comunicar a compressão que se tem sobre assuntos. Consequentemente, o desenvolvimento da estrutura conceitual ocorre por meio do estabelecimento de premissas. Essas premissas, por sua vez, direcionam a geração de suposições dentro do modelo (Behar; Passerino; Bernardi, 2007).

A tomada de decisão (Braga, 2011) por esse arcabouço teórico-metodológico se dá devido: a) filiação teórica, b) inspiração da produção do Projeto Querino e c) testar o modelo interpretativo. Dito isso, vamos a ‘escuta’ analítica.

PROJETO QUERINO NA MIRA DO TRANSNACIONALISMO NEGRO

“A América seria a América sem o seu povo negro?”
(Du Bois, 1999, p. 310)

Do intelectual afro estadunidense William E. B. Du Bois (1999) empresto o questionamento para fazer epígrafe deste subtítulo que coloca o “Projeto Querino” em uma encruzilhada analítica. O podcast, neste texto, é ‘escutado’ como um produto comunicacional que, embora narre a História do Brasil, a partir de uma perspectiva afrocentrada (como se autodescreve), correlaciona-se à diáspora africana e ao transnacionalismo negro. Para tanto, ancoro essa reflexão no modelo interpretativo do Atlântico Negro de Paul Gilroy (2017), bem como discussões feitas por Silvério (2018, 2022a) e Flor (2020) sobre os conceitos de diáspora africana e transnacionalismo negro.

Como mencionado o podcast do “Projeto Querino” narra a História do Brasil desde a independência, em 1822, até os dias atuais (2022). Do ponto de vista jornalístico o produto comunicacional não nenhum traz furo de reportagem, não ‘revela’ nenhum personagem ou documento novo (do ponto de vista da historiografia), todavia faz uma sistematização de informações em diálogo com a produção acadêmica, inclusive citando obras, entrevistando professores(as) que são especialistas na temática. A característica de não trazer um acontecimento novo, propor a narrativa por outros ângulos, com personagens cuja histórias foram silenciadas/esquecidas, contada por majoritariamente intelectuais negros(as), com perspectiva afrocentrada em um trabalho de pesquisa e apuração de fôlego; para mim, é o que faz com que o “Projeto Querino” se aproxime do que Silvério (2022b) chama de ‘agência criativa negra’.

O podcast recebeu esse nome em homenagem a Manuel Raimundo Querino (1851-1923), intelectual, jornalista, professor, abolicionista e tantas outras coisas que Querino foi. Em 1918, Manuel Querino, publicou o texto “O colono preto como fator da civilização brasileira”, no qual discutiu o protagonismo de pessoas africanas e seus descendentes na formação da sociedade brasileira. O “Projeto Querino” é inspirado em

um outro podcast, criado jornalista afro estadunidense Nikole Hannah-Jones (lançado em 2019 pela “The New York Times Magazine”, do jornal “The New York Times”).

No terceiro episódio, “Chove Chuva”, enquanto está contando a História do Brasil a partir da música negra e colocando Jorge Benjor, como um personagem central junto à Chiquinha Gonzaga, o narrador Tiago Rogero (um jornalista negro) repete alguma vezes: “Eles (pessoas brancas e detentoras do poder) empurram e a gente empurra de volta”. Nesse episódio a perspectiva do Atlântico negro fica mais evidente. Isto porque, conforme Gilroy (2017), a criação cultural afro-atlântica são expressões que questionam as hierarquias, pois na medida em que representam estratégias de resistência e de existência em contextos sociopolítico e culturais marcados pela violência. De modo que, a música (bem como outras manifestações político e culturais negras) traduzem expressões que transpõem os limites impostos pela racionalidade branca e ocidental e apontam para novas fronteiras da consciência humana.

A música negra é uma prática de R-existência⁴ e promove um outro ‘rolês epistemológicos’ (Rufino, 2019), afinal, na encruzilhada é onde se engole o mundo e ‘cospe’ de maneira transformada. Ademais, vejo o “Projeto Querino” traçando uma narrativa que absorve a historiografia oficial e devolve uma nova História baseada em um ‘novo humanismo’ (Fanon, 2008), cruza e (re)encanta aquilo que estava sendo contado e ‘desmente’. Escancara como o racismo foi estruturando a sociedade brasileira, mas sobretudo como as pessoas negras R-existiram e produziram histórias e Histórias apesar dos brancos.

Entendo também que há um campo de plausibilidade para o ‘sucesso’ do “Projeto Querino”, pois tem-se um conjunto maior de pessoas buscando um letramento racial crítico (Ferreira, 2015). Esta busca, a meu ver, se dá devido a mudanças em marco legais normativos como a obrigatoriedade do ensino da cultura e da História africana e afrobrasileira (Brasil, 2003) e mais recente a Lei de cotas (Brasil, 2012, 2023), quando há o início da formação de um quadro de intelectuais negros(as/es).

⁴ Para Carlos Walter Porto-Gonçalves (2013, p. 169); “mais que resistência, que significa retomar uma ação anterior e, assim, é sempre uma ação reflexa, o que temos é r-existência, isto é, uma forma de existir, uma determinada matriz de racionalidade que atua nas circunstâncias, inclusive re- atua a partir de um topoi, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, atua entre duas lógicas.”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma história do negro sem o Brasil, o que não existe é uma história do Brasil sem o negro (Garcia, s/d).

O texto busca vincular-se a uma perspectiva teórico-metodológica do Atlântico Negro (Gilroy, 2017) e aponta o “Projeto Querino” como uma expressão/manifestação da agência criativa negra (Silvério, 2022b). Para tanto, apresenta o modelo interpretativo e os conceitos de diáspora africana e transnacionalismo negro e coloca o “Projeto Querino” no centro dessa encruzilhada analítica.

Assim, proponho uma ‘escuta’ do premiado produto comunicacional em áudio como uma forma de comunicação que conta a História do Brasil a partir dos pontos de contato com o Atlântico Negro que cria novos regimes de interpretação. Isto é, entendo o “Projeto Querino” como (in)formado por uma estrutura que traz o projeto político, epistemológico, ético e estético do transnacionalismo negro, afinal, como diz Januário Garcia, existe uma história do negro sem o Brasil, mas não existe uma história do país sem a população negra. Por fim, o “Projeto Querino” traz tanta potência que também o escuto como um produto de divulgação científica, mas isso é pauta para outra gira epistêmica.

REFERÊNCIAS

BEHAR, P. A.; PASSERINO, L.; BERNARDI, M. Modelos Pedagógicos para Educação a Distância: pressupostos teóricos para a construção de objetos de aprendizagem. **Revista Renote**, v. 5, n. 2, 2007.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós**, v.14, n.1, jan./abr., 2011.

BRASIL. **Lei 14.723, de 13 de novembro de 2023**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. Brasília, 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.639, 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

DU BOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Trad., introdução e notas Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, A. de J. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas**: com atividades reflexivas. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

FLOR, C. G. **Diáspora africana**: por uma crítica transnacional da política cultural negra. 2020. 424f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2020.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. 2. ed. 1. Reimpr. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro; Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2017.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha. *In*: CECEÑA, A. E. Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado. Autónoma de Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, CLACSO, 2006. p. 151-197.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SILVÉRIO, V. R. **Transnacionalismo negro, diáspora africana: uma nova imaginação sociológica**. São Paulo: Intermeios, 2022a.

SILVÉRIO, V. R. **Agência Criativa Negra**: rejeições articuladas e reconfigurações do racismo. São Paulo: Intermeios, 2022b.

SILVERIO, V. R. Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma sociologia transnacional negra. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (ed.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 269 - 284. (Cadernos Cultura Negra e identidades).

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen E. Barbosa Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.